

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL BAPTISTA TORRES  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Baptista Torres  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

**Numero 417**  
Assinaturas  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º Anno

## A QUESTÃO ACADEMICA

Uma das provas do grande abatimento nacional está precisamente n'essa falta d'idéas, por um lado, n'essa subserviência, pelo outro, do chamado estudante republicano. O chamado estudante republicano, á parte um ou outro—salvem-se as excepções, mas não podem servir de regra as excepções—nem tem idéas, nem tem espirito de revolta. Porque não é ter idéas, nem ter espirito de revolta o dizer-se simplesmente republicano. O proclamar a queda da monarchia e o advento da republica. O chamar nomes feios ao rei e ao João Franco e lindos nomes aos chefes republicanos. Fulminar ladrões e malandros monarchicos, reclamando para elles penitenciaria, e exaltar, ou, pelo menos, defender ladrões e malandros republicanos, reclamando o Olympo para os mais cotados e a liberdade das ruas para os mais humildes.

Compreende-se que o faça o pobre operario analfabeto, ou mesmo aquelle que mal saiba ler ou escrever. O pequeno ou grande burguez, que—ninguem o ignora—não lê mais que o operario que sabe ler, nem escreve melhor. Aquelle que sabe ler ou escrever, porque não falta gente endinheirada n'este paiz que não vae alem do simples trabalho mechanico de desenhar o seu nome.

Compreende-se n'esses homens. Compreende-se ainda no jornalista que, tirado do refugio dos que sabem as letras, não se pôde impôr nem pôde valer se não adoptar o modo de vida de adular homens, afagar vicios, lisongear paixões. Compreende-se até no cheferote que, enganando-se nas azas, que supõe d'agua quando são de pardal, ou faz côro com a insignificancia, acompanhando a chiadeira dos simples, ou tem de renunciar á vida dos ares. Não se comprehende no estudante, a não ser como prova do abatimento, senão do aviltamento nacional.

O estudante não pôde ir atraz das incitações asmaticas do jornalista, da rhetorica baixa e muitas vezes apulhada do escrevinhador sem sciencia nem consciencia, como vae o operario ou o burguez analfabeto ou semi-analfabeto, porque o estudante não é um analfabeto. Não é mesmo, não se admitte que o seja, um grande ignorante. Não possui ainda, não a pôde possuir, a grosseria dos incultos.

Sabemos todos que é regra geral os homens, n'este paiz, põem os livros de parto ao sahirem das escolas. Não lêem mais letra redonda, a não ser d'algum romance ou d'algum jornal. E como os jornaes em Portugal só tratam de crimes, de mexericos ou de especulações politicas, com desprezo completo das grandes questões de principios, a pouco e pouco se embrutecem e se bestialisam os que se limitam á sua leitura exclusiva. A grosseria do espirito adquire-se como a grosseria do trato. Em a gente tratando com moços de cavallaria insensivelmente vae perdendo os habitos de boa educação. Em a gente deixando de privar com os livros, a pouco e pouco perde idéas, a pouco e pouco esquece aquillo

que aprendeu, a pouco e pouco substitue a subtilidade, a finura, a distincção intellectual do homem culto pela grosseria do inculto. Assim se explica o doutor ignorante, o doutor inculto, o doutor grosseiro, o doutor burro. E quando dizemos doutor não nos referimos sómente aos que cursaram a Universidade. Referimo-nos a todos os da raça que cursaram qualquer escola superior do paiz.

Por essa ignorancia, por essa incultura, pela natural grosseria que d'ahi deriva, pela dependencia a que obriga, no nosso meio mesquinho, a lucta pela vida, e pelos vicios profundos, ha tantos seculos herdados, d'uma educação fradesca, se pôde explicar o vergonhoso espirito de facção que, não cessaremos de o dizer, é a mancha indelevel d'este povo, mancha que a civilização não lava, como lavou ha tantos annos nos paizes protestantes, como vae lavando na França e na propria Italia.

Mas o estudante está livre ainda das abdicções, das humilhações, a que arrastam as dolorosas necessidades da vida. Mas o estudante vive com livros, e, por muito pouco que os ame, por muito pouco que os leia, sempre recolhe d'elles alguma inspiração, alguma cultura, alguma delicadesa de espirito, algumas idéas. Mas o estudante tem, deve ter, a natural expansão, a natural vivacidade, a natural rebeldia dos annos.

Como explicar o extranho phenomeno do estudante republicano apparecer em Portugal a beber pela borracha da mediocridade e do bandidismo politico?

A admiravel acção estimulante que a mocidade revolucionaria das escolas poderia exercer!

Seriam outros, bem outros, os destinos da democracia e da patria se os chamados estudantes republicanos exercessem a missão de renovação, de correção, de critica, que naturalmente lhes estava indicada. Sim, que naturalmente lhes estava indicada. Libertos ainda das influencias de facção, dos vicios do compadrio, das dolorosas exigencias da vida, ninguém a poderia exercer mais eficazmente e mais utilmente do que elles.

Não o fizeram, não o fazem. E nenhum outro facto conhecemos que prove melhor o grande aviltamento nacional.

Não o fizeram, não o fazem. Modelando-se pelo França Borges na litteratura revolucionaria e, quando muito, pelo pae Gaspar da Vanguarda nas regras do bom comportamento civil, moral e religioso. Raro tem sido aquelle que como intellectual se elevou acima do França Borges e como homem de bem chegou ao pae Gaspar da Vanguarda. E feliz patria se elles chegassem todos ao menos ao pae Gaspar da Vanguarda. Feliz patria! Porque o pae Gaspar da Vanguarda não se eleva, é certo, acima do criterio de que a honra consiste simplesmente em não metter as mãos nos bolsos de quem passa, em não dar uma facada ao voltar d'uma esquina, em não desejar a mulher do proximo e em não fazer uso geral ou não inverter o destino d'aquillo que Deus deu ao homem e á mulher para uso particular e natural. Mas isso é tanto á vista do que existe, isso é tanto n'este declinar medonho de virtude em que o Gomes da Silva e o Cunha e Costa já pôdem, sem es-

forço nem injustiça de maior, ser considerados homens de bem, que, repetimos, feliz democracia e feliz patria se toda a mocidade revolucionaria esperançosa das escolas tomasse por regra o santo pae Gaspar da Vanguarda.

### OPINIÕES

Com o espirito de facção que domina os partidos politicos em Portugal, não ha jornal nenhum, nem mesmo os que se dizem representar as escolas mais avançadas, que preste as suas columnas á livre critica dos homens, ou á livre discussão dos principios. Todos impõem a quem quer escrever o respeito dos santos ou dos dogmas da sua egreja.

O Povo de Aveiro, fazendo excepção a essa regra, abre as suas columnas a todo o mundo que, sob o titulo geral *Opiniões*, queira apreciar ou criticar homens e acontecimentos, em sentido democratico.

Uma unica condição se impõe: escrever com decencia e com intelligencia.

### AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Aos nossos assignantes n.ºs 386, 269, 698, 500, 487, 634, 43, 242, 108, 236 e 246, que estão em atrazo, pedimos o favor de mandarem sem demora pagar as suas assignaturas. Não lhes publicamos os nomes porque nenhum é para nós considerado remisso em pagar. Os seus recibos teem sido devolvidos com a nota de «não serem encontrados». Por isso nos limitamos aos numeros, e para o caso provavel d'algum não conhecer o seu numero, prevenimos que o escrevemos a tinta ou a lapis encarnado, no alto da primeira pagina, ao lado do titulo do artigo de fundo.

Esperamos o obsequio de mandarem satisfazer sem demora, para regularidade da nossa administração.

E podem enviar, querendo, á importancia em estampilhas de 25 réis.

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar, breves formulas para particulares e commerciantes requererem as acções e execuções auctorizadas pelo decreto de 29 de maio de 1907, sobre Cobrança de Pequenas Dividas, seguidas do decreto de 11 de julho do mesmo anno, sendo o seu custo 100 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

Querais fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicycle—A OSMOND.

## IMPRESSÕES EXTRANGEIRO

E IMPRESSÕES

DE

PORTUGAL

XXV

Depois das suas considerações sobre trigos, farinha e pão, dizia a comissão:

«Fixadas assim as bases que no actual momento julgou dever adoptar, a comissão apresenta em seguida

Farinha de 1.ª qualidade, 30k a 102 réis	3\$060
« 2.ª « 30 a 90 «	2\$700
« 3.ª « 12 a 84 «	1\$008
	6\$768
Cabecinha 2 a 45 «	090
Semeas 23 a 22 «	506
Limpadura 1 a 20 «	020
	616
Quebras 2	
Total 100	7\$384
Custo de 100 kilogrammas de trigo a 66,05	6\$605
Custo e lucro da moagem	566
	7\$171
Saldo	213

Eis agora o nosso calculo, referido á actualidade:

Farinha flor 35 a 103 réis	3\$605
« n.º 1 36,100 a 93 «	3\$357,3
« n.º 2 2 a 85 «	170
	7\$132,3
Cabecinha 2,250 a 40 «	090
Semeas 22,500 a 23 «	517,5
Farells 0,500 a 20 «	10
	617,5
Quebras 1,650	
Total 100,000	7\$749,8
Custo de 100 kilogrammas de trigo a 70 réis	7\$000
Custo da moagem	564
Desconto de 5.º na farinha feito ao padeiro ou ao intermediario	356
	7\$920
Saldo negativo	170,2

Contámos n'este calculo com a extracção a 73, 10, quando a comissão, no calculo que tomámos atraz como exemplo, contava com ella a 72. Uma percentagem de 73,10 é já, para os trigos geralmente consumidos em Portugal, uma percentagem elevada. Contámos com a percentagem de extracção da farinha de 1.ª qualidade, a que chamámos farinha flor, a 35, quando isso já representa uma falsificação, pois a lei não admite, para essa farinha, extracção superior a 20 por cento. Contámos com a quebra a 1,650, o que é uma quebra insufficiente, inferior á que adoptava a comissão, e que já era uma quebra minima. Contámos com o preço do trigo a 70 réis o kilogramma, quando a média entre o preço do trigo molle e o do trigo rijo é, pela tabella official, um pouco superior, dando differença sensível em grandes quantidades. Contámos com o preço da farinha a 103, 93, 85 réis, quando esse preço só existe na cidade do Porto e no norte do paiz, pois em Lisboa, centro e sul não pôde ir alem de 100, 92 e 82 réis. Sendo o sul a grande região cerealifera do paiz, teem os moageiros d'essa região vantagem sobre os do norte—te-la-liam nos transportes quando a não tivessem d'outro modo—na compra dos trigos. Foi o

diversos calculos destinados a fundamentar quaesquer providencias governativas, ou a servir de simples esclarecimento.

Foram 20 os calculos da comissão, fundados ora sobre tres ora sobre quatro typos de farinha, sobre diferentes preços de trigo: 66,05—61,11—61,74—67,30—78,99 réis o kilogramma, sobre diferentes preços de farinha: 92 (1.ª qualidade) 90 (segunda qualidade) 84 (terceira qualidade) 82 (quarta qualidade) ou 102—90—84 sendo só tres as qualidades, e suppondo a extracção ora de 72, ora de 75 por cento.

Vejamos um d'esses calculos, o segundo, por exemplo.

motivo porque a lei deu aos moageiros do norte sobre os do sul a vantagem dos tres reis no preço da farinha. Foi uma compensação. Quizemos para o nosso calculo tomar como base o preço maximo da farinha e, ao mesmo tempo, o preço minimo do trigo. Não se dirá, não se poderá dizer que é um calculo feito em bases erradas ou pessimistas. Que por qualquer fórmula occultámos ou alterámos a verdade em favor da industria da moagem. Que tirámos todas as vantagens a essa industria. Não. Fizemos o contrario. Dêmos-lhe as vantagens todas. Dêmos-lhe uma percentagem d'extracção relativamente elevada, tanto para o quanto da farinha nos com kilos de trigo, como para cada uma das suas qualidades. Dêmos-lhe uma quebra minima. Dêmos-lhe um preço minimo de trigo e um preço maximo de farinha. E com todas essas vantagens chegámos a um saldo negativo. Isto é, a moagem perde.

Para não perder é necessario ou que a fabricação se não limite á extracção de 35, ou 40 por cento de farinha de 1.ª qualidade, ou que desappareça o desconto ao padeiro ou ao intermediario, ou que se produza o equilibrio entre a produção e o consumo. Mas como este equilibrio não existe, como é muito maior o numero



de fabricas do que aquelle que exigem as necessidades do paiz, não desapparece o desconto, que resulta da concorrência, e só lotando farinha de trigo com farinha d'outros cereaes, portanto, entrando a valer nas falsificações, conseguem as fabricas entreter a existencia. E mal. A prova é que lá estão as de Lisboa a recorrer á fusão. Sentem a necessidade imperiosa de se apoiarem umas nas outras, unico meio, afinal, de fugirem á ruina. Meio, entretanto, ephemero ou illusorio, se não fôr decretado o limite das fabricas, recurso antipathico, mas indispensavel dentro do regimen d'exceptão porque se rege em Portugal toda a questão dos cereaes.

«Outro elemento—dizia a commissão—haveria talvez a considerar aqui, se não representasse mais um elemento auxiliar do commercio, um premio de credito, do que um encargo real. Tal é o desconto na aquisição das farinhas. A tabella official de 1896 não se refere ao desconto, e os fabricantes de pão, principaes consumidores das farinhas, declaram e garantem que, com os typos e preços propostos pela commissão, mas devidamente fiscalizados, fabricam o pão sem augmento de preço e dispensam o desconto, parecendo por isso á commissão escusado considera-lo n'este lugar.»

Mas que patetas! O elemento que lhes parecia tão pouco importante, que nem baixar se queiram a considera-lo, era exactamente o que yiria a ter importancia decisiva. Forçosamente! E que já tinha n'esse tempo. Na epocha da grande crise das padarias enriquecia um padeiro notavelmente em Lisboa. Como? Obtendo que um moageiro lhe fabricasse farinha especial.

Só para elle! Com um augmento de preço insignificante. Dois reis, primeiro, quatro reis, mais tarde, em cada kilo. E com essa farinha especial conseguiu elle bater em pão de luxo, exactamente o pão de lucro, todas as padarias de Lisboa. Todas! Ninguém podia competir com elle, porque o typo geral da farinha de consumo era, então, um typo ordinario. E assim ganhou dezenas e dezenas de contos de reis, no periodo mais afflictivo que a industria de panificação atravessou em Lisboa. Pois a vantagem concedida pelo moageiro a esse padeiro não equivalia a um grande desconto?

Mas havia mais. Como o padeiro se tornasse um grande consumidor, obtinha toda a farinha que queria e a todo o praso. E consumia-a toda? Não. Consumia uma, vendia outra. Aos collegas, é claro. A certos collegas, dos mais conhecidos e menos remediados. A dois mezes, a tres mezes de praso. Que elle, por seu lado, pagava ao moageiro quando queria.

Pois não era outra vantagem? Pois não equivalia a outro grande desconto?

E de que resultava, senão da lucta de concorrência entre padeiros e entre moageiros? Sem essa concorrência, é claro que nem o padeiro iria pedir ao moageiro a concessão especial que este lhe fez, nem, se a pedisse, lh'a daria o moageiro.

O desconto era fatal. Para que elle não existisse seria preciso que o moageiro fosse padeiro ao mesmo tempo. E devia-o ser. Nem se percebe porque a industria da panificação não esteja intimamente ligada á industria de moagem.

O desconto era fatal. E tornou-se tanto maior quanto maior se tornou a concorrência.

O desconto é o maior cancro da moagem.

Pois a illustre commissão dispensava-o dos seus calculos!

H. C.

## SITUAÇÃO CLARA

Recebemos e agradecemos este opusculo, em que o seu auctor, Antonio José d'Almeida, analisa a situação nos termos eloquentes do costume, e que, por longa transcrição dos periodicos, são já conhecidos dos nossos leitores.

## Cartas de Lisboa

2 DE AGOSTO.

Realizou-se, enfim, a festa em honra do grão seismatico da igreja republicana. Muita gente, como era de esperar. Se a imprensa republicana, endensar um cão, deante do cão se irá rojar o immenso rebanho que constitue em Portugal a inconsciencia publica. Muita gente. E nem por isso deixou de ser um fiasco.

Pois o que quer dizer fiasco? *Mau exito*. Fazer fiasco, diz qualquer dicionario, é não ter o resultado desejado. Ora o resultado que se pretendia na festa de Bernardino não era bem o de parada das forças republicanas. Era o de glorificação. Era o de prestigio. Para o homem e para a causa. E se o homem e a causa não morreram logo de ridiculo é porque o ridiculo é das doencas que vão matando lentamente.

Não é facil calcular o mal, o grande mal, que estas coisas fazem ao partido republicano. Os espiritos futeis e os brutos illudem-se com o espectáculo da adhesão da carneirada inconsciente. Mas os espiritos pensantes, que conhecem toda a significação e todo o valor d'essas adhesões, é que não tem illusão nenhuma.

A inconsciencia publica não deixa de representar um valor. Mas é um valor cego. De grande força se o sabem jogar na occasião precisa. De força nulla e até contraproducente se o não souberem aproveitar.

Não é de rebanhos que o partido republicano precisa. E' de quem saiba dirigir os rebanhos. Não é de inconsciencias, que essas vão sendo já demasiadas. Não é de brutos. E' de consciencias e de intelligencias. Ora para desgostar intelligencias e consciencias não ha como a festa de domingo. Continuem, e verão como o desastre se torna irreparavel.

A consciencia, a intelligencia não podem de forma nenhuma conformar-se com aquelles attentados e com aquelles ridiculos. Não estou falando como inimigo dos dirigentes republicanos em geral e de Bernardino Machado em especial. Estou falando como amigo da democracia.

Aquelles attentados, aquelles ridiculos, desgostam, aborrecem, afugentam, causam nojo, indignam toda a gente de valor. Quem está dentro do partido republicano e tem esse valor desanima. Quem está á porta, recua. Quem pensava na hypothese de adherir varre esse pensamento. Quem admittia ainda que o partido republicano podesse ser um elemento de regeneração nacional sente-se invadir pela descrença. Estes sentimentos não atingem os tolos nem os especuladores, que são a grande maioria. Mas atingem os homens de juizo e são esses a melhor força dos partidos.

Para acreditar o que dizemos basta lêr, como nós lêmos attentamente, os nomes de todos os individuos e de todas as collectividades que adheriram á festa do Grão Lama. A primeira coisa que fere a vista é a ausencia quasi completa de estudantes. Quasi completa. E' em nome dos estudantes que ella se prepara. E' em nome de Bernardino como professor e como educador. E' para glorificar o homem que deu o grande exemplo de solidariedade com a academia, tamanho que não hesitou em se sacrificar dando a demissão de professor. E a academia falta á festa quasi em peso.

Quasi em peso? Não. Em peso. Não chegaram a uma duzia os nomes dos estudantes que adheriram. Ora contando-se por milhares os estudantes portugueses pôde-se dizer afoitamente que faltou a academia em peso á festa do Grão Lama.

Essa é a primeira coisa que fere a vista.

A segunda é a ausencia de muitos dos nomes mais illustres do proprio partido republicano. Sabe-se

quanto é grande a falta de coragem civica dentro do partido republicano. Quanto é facil a acquiescencia a tudo que, justo ou injustamente, digna ou indignamente, reveste caracter republicano. Adherir á festa de Bernardino era dos *bons principios*. Era das *praxes*. Era da *honra do convento*. Por esse unico motivo adheriu muita gente. Muita. Contam-se por centenas, d'entre os mais graduados e os menos graduados, os que lá foram pela corda. Não obstante, deixaram de adherir muitos dos homens mais illustres do partido republicano. E se dizemos *muitos* é porque elles não são tantos que se não possa dizer assim falando da maioria.

Leiam attentamente os nomes de todos os que adheriram. E se conhecem o partido republicano de todo o paiz verão como é exacto o que estamos afirmando.

A que attribuir esse facto, senão a um grande desgosto, a um grande aborrecimento, a uma grande revolta contra a vergonhosa mania das glorificações de que Bernardino é o mais legitimo representante em Portugal?

Mais nenhum d'esses que deixaram de adherir calculava o que se ia passar. Nenhum d'esses calculava que a vergonha, a degradação, iria até ao ponto do povo ajoelhar e beijar a mão a Bernardino. Vergonha e degradação para quem promoveu um espectáculo que deu esse resultado, vergonha e degradação para o educador, o charlatanesco educador que consentiu essa suprema ignominia, e vergonha e degradação para os jornaes que o referiram. Toda a gente se lembra da troça feita n'outro dia aos conselheiros d'estado por elles acabarem a carta dirigida ao rei com as sacramentales palavras: *beijamos as mãos a vossa magestade*. Foi um côro de indignações, da parte dos jornalistas republicanos. Indignaram-se, troçaram, alguns dos mesmos jornalistas monarchicos. Pois agora refere o *Seculo*, refere *Novidades*, referem outros que o povo beijou de joelhos as mãos ao futuro presidente da republica—palavras textuadas—e não ha uma palavra de indignação, de troça, de protesto.

Qual? Pelo contrario. O *Mundo* dizia na segunda-feira:

«Chegámos da travessa do Pinheiro, onde, por assim dizer, nos embriagámos, de conoção, com o que ali vimos. E, ao chegar aqui, chorando-nos de alegria a alma, tivemos, pela primeira vez, um receio, um pensamento amargo. E' que, se nós e todos que conosco estavam, nos sentimos ali oprimidos de alegria, de prazer, de emoção, o dr. Bernardino Machado ha de ter passado um dos dias mais esgotantes da sua vida... desde manhã que elle está ali, a pé firme, sem se alimentar, recebendo flores, beijos, abraços, palavras tocas, sorrisos, lagrimas, d'uma multidão que não tem fim, d'uma multidão que não se pôde contar, d'uma multidão de creanças, de novos, de senhoras, de velhos... Desde manhã, ha muitas horas, que elle está ali amando, sorrindo, chorando, n'um esgotamento de vida moral que seria violentissimo para a organização mais robusta.

A manifestação, sem ninguém o querer, teve isto de mau. Por se não ter podido fazer d'outra maneira, foi violenta de mais. Violentissima mesmo. O dr. Bernardino Machado foi, mais uma vez, sacrificado á causa da Liberdade e da Democracia.»

Mais uma vez sacrificado á causa da Liberdade e da Democracia! E ainda teem o atrevimento de escrever Liberdade e Democracia com L e com D grande!

Não se pôde levar mais longe o descaramento e a abjeção.

Isto não calculava nenhum dos proprios republicanos que se recusaram obstinadamente a adherir á manifestação.

O que irá a estas horas na alma d'esses homens? Se esses proprios, que são republicanos, se sentiram por tal forma enojados que nem mesmo a pretexto de dar um golpe em João Franco, que nem mesmo a pretexto de avolumar e honrar a manifestação republicana, quizeram associar o seu nome á mascarada, se os proprios estudantes, que são rapazes, que não teem odio nenhum a Bernardino, reconheceram o ridiculo da farça, sen-

tiram que á sua custa se preparava uma apothese injusta, que não era mais do que a capa d'uma especulação politica e manobra de facção, e por isso se abstiveram, o que sentiriam todos os homens cultos, sinceros, intelligentes d'esta terra, que não tinham os motivos de deferencia que tinham os estudantes e os chefes republicanos que se abstiveram?

Não tenham illusões: não ser vem assim a causa da democracia e a do partido republicano. Prejudicam gravemente uma e outra.

Depois do ridiculo, o ridiculo de tudo aquillo!

A pretensão que teem os gazeteiros republicanos de enganar o mundo!

Em 18 de setembro de 1902 dizia, sob o titulo *Desafinação*, a *Resistência*, jornal republicano de Coimbra:

«No ultimo numero do *Instituto* escreveu o sr. dr. Bernardino Machado no artigo *Notas d'um pae*:

«Quem é em Coimbra o grande inimigo do professor, não falando no maior de todos os inimigos, que é sempre outro professor?»

O doutor, que não pôde ser professor.

E do doutor?

O bacharel formado, que não pôde ser professor.

E do bacharel formado?

Todos os que não podem ser bachareis formados.»

«E quem sabe mais que o gato, que mata o rato, que roe o muro, que ampara o vento, que desfaz a nuvem, que encobre o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende? E' o sr. Conselheiro Bernardino Machado!

Logo a seguir continua s. ex.ª:

«Alguns individuos, aliás muito intelligentes e instruidos, passam metade do dia a fazer tolices e outra metade a arrepender-se por as terem feito.»

«O sr. Conselheiro Bernardino Machado anda só aos meios dias. A ultima nota:

«Não basta fazer as coisas é preciso fazê-las bem. Ha pessoas que fazem immenso, mas só com immensa paciencia se podem atuar.»

«O sr. Conselheiro Bernardino Machado vae no 3.º volume das *Notas d'um pae*...»

Eis como os republicanos apreciavam a frio Bernardino Machado, quando sobre elles não pesava o desgraçado espirito de facção que os leva agora a exaggerar, a mentir, a especular com o nome d'esse homem. Tinham-no na conta de tolo. Simplesmente. E o que elles sentiam é pouco mais ou menos o que sentem todos os homens de juizo, que veem as coisas sem preocupação politica.

Para que tentar agora metter os dedos pelos olhos aos outros? Para que seguir em tudo a corrente vergonhosa dos monarchicos, que n'este mesmo instante exaltam Hintze Ribeiro a um ponto que faz rir? Porque não ha de o sr. Brito Camacho, que acaba de escrever um artigo justo sobre Hintze Ribeiro, usar da mesma justiça com os republicanos?

Miseravel espirito de facção, que tudo desacredita, que tudo compromette, que tudo abandalha n'este paiz.

Escreve-nos, justamente indignado, um republicano de Coimbra:

«Depois da festa de domingo, entre o rei D. Carlos, com a sua corôa, o seu hymno da carta, ás suas banhas e os seus adeantamentos e o presidente Bernardino, com o seu chapéo de coco, a sua *Sementeira*, os seus sorrisos e a sua cordealidade, não ha pessoalmente—repare bem que digo pessoalmente e não politicamente—não ha pessoalmente comparação possivel:—antes um rei fóra da Constituição que um presidente em plena entrudada.

Porque, positivamente, nos dominios patuscos da bambochata, a consagração de domingo excedeu tudo que poderia imaginar-se de

comico, de patusco, de burlesco e de hilariante.

Com mais uma nota alegre da mocidade, que não appareceu na Travessa do Pinheiro, pediria meças ao centenario da *Sebenta* e se o João Franco, misericordiosamente, não tem prohibido as mascaradas na rua e as proceções laicas com aventaes da maçonica e estandar-tes dos clubs certo que tinha excedido o cortejo e a apothese com que, ha annos, para embezzerar o velho Martins de Carvalho, a academia de Coimbra glorificou o Rosalino Candido de Sampaio e Brito.

Sem a intervenção providencial do governo, d'aquí a uns annos ninguém, ao lêr as noticias do tempo, saberia distinguir entre a homenagem ao auctor das *Notas d'um pae* e do elogio funebre do Pedro Penedo, e a homenagem ao publicista do *Diabo fechado na minha gaveta*.

Sampaio e Brito tambem teve uma *Sementeira*:

*Fino, fino, fino*  
E' o Rosalino

que, sem modificação na rima, podia confundir-se com a *Sementeira* de agora:

*Fino, fino, fino*  
E' o Bernardino.

A Rosalino—que, ao invéz de Bernardino, se manteve sempre monarchico—não o fizeram presidente da republica, como ao Bernardino, fizeram-no Rainha Santa e D. Ignez de Castro e para que a confusão possa completar-se ao Rosalino nomearam pae honorario dos filhos dos estudantes e ali no *Mundo*, ao Bernardino, chamam-lhe pae dos filhos de toda a gente.

Rosalino foi levado n'um andor e no largo da Feira fizeram-no subir, em effigie, n'um balão de papel, e o Bernardino, se o não prenderam ao rabo d'um papagaio e não o trouxeram em padiola, em hespanhol compararam-no a Tolstóff e em portuguez ao Arthur Leitão chamou-lhe *howrado homem*, o José Caldas fartou-se de o calumniar de modesto e os outros de santo para cima e de padre Eterno para baixo, chamaram-lhe tudo o que á sombra da Ironia e da lei d'imprensa se pôde chamar a um homem sem risco d'ir parar á cadeia.

Rosalino após a manifestação adoeceu e fugiu. Não podia com tanta gloria, porque, celibatario e infecundo, não tinha familia com que reparti-la, mas Bernardino, apesar de lhe terem medalhado a mulher e filhos, não ficou mais são e escorreito. E' o *Mundo* que o diz:

«A manifestação, sem ninguém o querer, teve isto de mau. Por se não ter podido fazer d'outra maneira, foi violenta de mais. Violentissima mesmo. O dr. Bernardino Machado foi, mais uma vez, sacrificado á causa da Liberdade e da Democracia.»

Como Rosalino foi sacrificado á *rixa velha* que, durante annos, manteve as relações da Academia com o *Coimbricense* n'aquella tensão de cordealidade que caracteriza as relações dos cães com os gatos. Foram ambos sacrificados. Nem mais, nem menos. Porque isto de se dizer que um homem se sacrificou pela Democracia e pela Liberdade, estando em sua casa, pontificando cordealidade, distribuindo sorrisos e dando beija-mão aos subditos que, de joelhos e com lagrimas nos olhos se lhe rojavam aos pés como cachorrinhos e rafeiros, isto, tomado a sério, ao pé da letra, era para correr a pau o manipanso que, tendo-se prestado a ser alvo d'esses servilismos bajuladores e degradantes, vem ainda por cima, no seu orgão, dar-se por victima da Liberdade e martyr da Democracia.

A sério, só a pau. Por troça, como *blague*, é ainda o plagiato de Rosalino: E' o fecho homerico da *Sementeira*, como diria S. Boaventura, na sua variante da Travessa do Pinheiro

*Fino, fino, fino*  
E' o Bernardino.

Grotesco!



Não vi, por mais que procurasse, os nomes de Bazilio Telles, Duarte Leite, Amandio Gonçalves, Sampaio, Nunes da Ponte, Antonio Luiz Gomes, Azevedo e Albuquerque, Eduardo d'Abreu, Augusto Barréto, Silvestre Falcão, Verissimo d'Almeida e outros homens illustres que com o seu retrahimento lavraram um verdadeiro protesto contra a entrudada. Mas não basta. E' preciso protestar por maneira mais clara e eloquente.»

Tambem nos parece. Esta carta, escripta por um dos homens mais intelligentes da democracia portuguesa, traduz bem o estado dos espiritos independentes. Se o partido republicano quer ostentar forças e fazer paradas escolha ao menos pretextos justificados e honrosos. Ou cõbre-se de ridiculo, que é a maneira mais desastrosa de perder terreno.

C.

Fez exame de pharmacia, obtendo uma plena approvação, o sr. Antonio Constantino de Brito, filho do nosso bom amigo e empregado superior do correio n'esta cidade, o sr. Alfredo Cesar de Brito.

Ao novo pharmaceutico e a seu pae, os nossos sinceros parabens.

HORARIO DOS COMBOIOS DE LISBOA AO PORTO

Table with columns: Omn. Tram. Omn. Rap. Cor. and rows for various stations like Lisboa (Roe.), Entrouc., Coimbra, Pampilhosa, Mogofores, O. do Bairro, Aveiro, Estarreja, Ovar, Espinho, Gaya, Porto (S.B.).

DO PORTO A LISBOA

Table with columns: Omn. Rap. Omn. Rap. Cor. and rows for various stations like Porto (S.B.), Gaya, Espinho, Ovar, Estarreja, Aveiro, O. Bairro, Mogofores, Pampilhosa, Coimbra, Entroc., Lisboa.

Tramways.—Do Porto para Aveiro —Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde. Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

Excursão de Coimbra

AVEIRO

Activam-se os trabalhos de ornamentação de ruas e outros preparativos para receber condignamente os excursionistas, que no dia 11 do corrente visitarão esta cidade.

Entre outras coisas sobressahirá um lindó castello, representando a cidade antiga fechada, abrindo-se, por meio d'um portão, na occasião da passagem dos excursionistas.

Serão, pois, umas festas que Aveiro vaé pagar á briosá cidade conimbricense, que tão captivante, como bizarramente, recebeu o anno passado os nossos patricios.

A camara municipal adhe're, recebendo na sala das suas sessões os excursionistas, e dando-lhe ali as boasvindas.

OPINIOES ANALYSANDO

«OUVINDO GUERRA JUNQUEIRO»

E o titulo da entrevista que o jornalista hespanhol D. Luis Morote teve com o auctor da Patria, e publicada no Herald de Madrid, de sabbado 20 de julho.

Quem a leia pasmado fica como é possível que um homem, a quem os seus apaixonados criticos chamam homem de sciencia, possa cahir em contradicções denunciadoras duma cerebração doentia.

Claro que talvez não mereça a pena attentar em tal morbidez, mas o facto é que esses homens de sciencia são os seguidos por um cortejo de opiniões a que não falta o mais absoluto desconhecimento do que seja a verdadeira sciencia.

Estamos atravessando uma phase a que tenho ouvido chamar de: transição. Ora, parece-me que é nas epochas transitorias que se deflinem caracteres moraes, scientificos e artisticos.

Todo aquelle que fica áquem das mais modernas theorias plethóricas de praticabilidade, tenha paciencia; ha de ficar para traz, como qualquer retardatario.

O sr. Guerra Junqueiro teve indiscutivelmente a sua aura. Foi poeta como aquelles que o são. A sua obra accusou uma epocha de incerteza e ficou marcando uma phase artistica perduravel como modelo de concepção.

Um bello dia apaixonou-se pelas sciencias physio-chimicas e embrenhou-se em descobertas radio-activas. Até, então, era um deserdente das coisas celestes, mas a sciencia fez-lhe o effeito dum laxante—descobriu-lhe o espirito de religiosidade que dormia esperando a vez de deitar os braços de fóra. E desatou a fazer Orações ao Pão, á Luz e a tudo o que o seu Deus permitisse.

Em outro artista a sciencia isolou-lhe de todas as idéas preconcebidas e teria alentos para esboçar uma obra humana, sem ficções de especie alguma. Obra que ensinasse todos os que aneiam por uma nova era de justiça e egualdade, sem preocupações nem politiquices.

Ao sr. Guerra Junqueiro nada disso aconteceu. Com as palavras Deus, Religião, em maiusculo, envolvou o Pão, embrulhou a Luz, em summa endeusou o que o tal espirito de religiosidade ordenou se fizesse. Depois a maioria arremelgou os olhos de espanto d'oratório, celebrando a nova phase do poeta. Alguns criticos honestos saltaram-lhe em cima com vento fresco e o sr. Guerra Junqueiro subiu ao ceu a buscar argumentos infalíveis e desceu a nós a afirmar a nossa estupidez em não comprehendermos a sua habilidade em rimar orações a coisas comíveis e illumináveis.

E é na nova phase que D. Luis Morote encontrou Guerra Junqueiro.

Fiel á sua doutrina: «christianizar al dios Pan e paganizar a Cristo» impingiu a sua opinião quanto á marcha do partido republicano: «El republicanismo en Portugal es una religion, una nueva religion humana, sin dogmas, ni milagros, qui significa la fuerza redentora, no de este politico, d'aquel gobernante, sino de todo un pueblo.»

Como se vê o poeta consegue fabricar mais uma nova religião; e esta sem dogmas nem milagres. Se é nos dogmas e nos milagres que está a vida das religiões não me parece que recemnascida dure muito...

A seguir diz-nos n'uma rajada de sinceridade: «los pueblos que ponen su esperanza en la obra vida, y no para ser mejores, más bravos, más inteligentes, más ideales, sino para gozar del nirvanico reposo del Paraizo, son pueblos perdidos, porque descuidan esta vida.»

Logo abaixo a provar quanto o seu pensamento anda pelo parnaso a beijar o empyreo, abraça a errada theoria de Ferry: «No es antes hacer escuelas para tener Republica, sino que es antes establecer la Republica para tener escuelas.» Quer dizer, a republica, no entender do poeta, ha de ser feita pelos inconscientes. Diz-se ao povo que amanhã se fará a republica de lá por onde dêr. Se o povo perguntar na sua bibliotheca natural: «O que vem a ser isso de republica? O sr. Guerra Junqueiro não estará com mais aquéllas e responde-lhe: «Depois saberá. Coma, mas não prove.»

Continuando a sua oração á... republica, pergunta quem fará a revolução. Não sabe dizer e é n'uma grande impotencia scientifica que vendo braços cruzados, deixa pender os seus, monosylabando: «El porvenir pertenece a Dios.» Vão lá entendê-lo! Acima diz-nos que os povos que põem os olhos no ceo, são povos perdidos... Tomae nota.

Agora este bocadinho de jurisprudencia que não é do auctor dos Simples, mas é fructo do crente da Oración ao pão: «Yo no creo; qué voy a creer! que las leyes sean las malas y los hombres sean los buenos, como se suele decir e pasa cual axioma incontrovertible. Las Leyes son siempre mejores que los hombres, y la peor ley es infinitamente más sabia, más humana, más moral, que el más perfecto de los hombres. Por eso es un erro tremendo suponer que la República traerá

indefectiblemente el bien del país, por efecto de sus leyes, de sus formas, de sus procedimientos.» Querem-n'o melhor? Falou um homem de sciencia! Afirma que o mal não está na lei; está no homem. Quem faz as leis? Na menção religiosa do poeta a lei é concebida por obra e graça do carvão e da carqueija. Salta uma oraçãozinha a essas materias inflamáveis... E' impossivel. O sr. Guerra Junqueiro esteve a chuchar com o jornalista hespanhol e este de ouvidos cheios pela fama acreditou-o. E leva a sua ignorancia ou troça a dizer-nos: «El hombre es que hay que reformar e non la ley.» Pois olhe: se não trata de abrir escolas onde reforme o homem e não muda as leis que prestam a monarchia, está bem arranjadinho; não será poeta official um anno...

E ahi vaé pelo despenhadeiro da incoherencia a metter-nos pelos olhos dentro que é preciso «crear hombres para la republica.» Esteve a chuchar ou não esteve?

Por fim despe a sua individualidade de politico—oh! o poder do dualismo! —e enverga o robe chambre de homem de sciencia para cathedizar: «al fin la politica no puede escapar á la ley universal de todas las actividades humanas y cismicas, y esa ley ensena que la Naturaleza es el mal, que la Naturaleza es el crimen eterno, desde la piedra al hombre; no obstante lo cual ese crimen, esa muerte constante, se resuelve en la vida en el bien absoluto, que es Dios.»

A que se reduz um homem de sciencia!!! Castiga a natureza, dizendo que ella é o mal desde a pedra ao homem e que o bem absoluto é Deus!

Triste mentalidade essa que insulta a natureza que a nossos olhos se manifesta amante quer nos fulgores do sol quer nas caricias da primavera! Um poeta que menoscaba o que não mente ou jámais mentiu e se rebaixa em fócar entidades de primitivos, tem o cerebro em desequilibrio; exibindo essa falencia em jornaes lidos por ingenuos. Peior ainda; tem a consciencia do mal, pois sabe o seu nome respeitado por ledóres desprevénidos.

O sr. Guerra Junqueiro não deve tornar a abrir os labios, porque d'elles saiem catadupas de methaphisica; deve partir a penna, porque se serve da arte na inoculação d'um povo misticismo. Homens assim são os verdadeiros inimigos do povo; não á maneira do protagonista de Ibsen—esse pretendia salvar uma sociedade corrompida; o poeta português corrompe desorientando.

Seja sincero o merecerá o respeito dos amigos da verdade.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

FOME

Bem feita e formosa, possuindo uns bellos olhos negros a brilhar sobre uma pelle de jaspe, um sorriso de bondade austera tremendo em lábios finos de carmim, mirando todos com amizade de irmã, deveria ter certamente... dezanove annos... vinte quando muito.

O pae estava entrevado; mãe já não tinha. Acompanhava-a sempre um rapazito d'olhar esperto e guloso que todas as vezes que podia se escapava para ir pespegar-se nas vitrines das pastelarias, olhando os bolos com inveja.

Branca, assim se chamava a rapariga, entrára para uma fábrica de loiça ainda não eram passados dois mezes. O trabalho era muito pesado para ella, coitada, mas só a idéa de poder dar ao pae entrevado um caldinho em que nadavam uns hypotheticos feijões, e uma cõdeasita ao irmão mais novo que ficára sem mãe aos tres annos, era quanto bastava para lhe dar força para tudo.

Assim se passou um anno. O trabalho era muito, tinham-lhe diminuido o salário, e, sentindo fugir-lhe a saúde, Branca começava a fraquejar. O vélhote fá de mal a peor. A principio, quando ella entrára para a fábrica, ainda, tonificado pelos caldos, melhorára um pouco. Mas agora, isso sim!, as dôres eram cada vez maiores e elle já não podia com tamanho soffrimento...

A filha não parava um instante. Não tinha dinheiro para cha-

mar o médico... não tinha cinco reis para comprar remédios... já por tres vezes alugára uma carroça para levar o pae ao hospital mas lá... o... o director, um homem muito rico que já tinha sido ministro, dizia a rir-se... com umas gargalhadas que punham arripios na gente «que já não valia a pena estar com trabalhos», que «aquelle pouco tardaria que não dêsse a alma ao diabo» e outras coisas assim, de maneira que a pobre rapariga lá vinha outra vez com o pae ás costas—o pae que ella adorava—a ouvi-lo sempre gritar com dôres uns gritos muito agudos... muito agudos..., que lhe trespassavam o coração como uma fina agulha; sentindo ao mesmo tempo as forças fugirem-lhe, vergarem-se-lhe as pernas de fome, e apoderar-se d'ella uma coisa horrivel que a fazia arrancar os cabellos com violencia, retorcer-se, levantar-se, andar d'um lado para o outro como louca e cair depois n'uma prostração immensa d'onde só a tiravam os gritos que o pae soltava muito agudos... muito agudos... que lhe trespassavam o coração como a mais fina agulha.

O petiz, esse já ha dois dias que não apparecia em casa. Não tinha lá que comer... e vaé d'ahi safára-se, fóra á procura do pão.

Ella já não sabia que fazer ao pae. Tinha os olhos amortecidos pela fome e pela dôr, as carnes flácidas, desaparecera-lhe o sorriso de bondade feliz que fóra substituido pela contracção do rosto num soffrimento desesperado, e já se tinham passado quatro dias de pos que comêra a ultima cõdea. Estendida no chão, a um canto, ouvindo sempre o pae gritar uns gritos muito agudos... muito agudos... de quando em vez dilatavam-se-lhe desmesuradamente os olhos parecendo querer saír fóra das orbitas, e os seus lábios articulavam exclamações imperceptiveis...

Estoirava de fome!

HOMEM CHRISTO, Filho.

Mercado de Aveiro.

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Table with prices for various goods: Feijão branco (20 litros) 940, encarnado 940, manteiga 960, amarelo 940, misturado 900, caraça 800, frade 960, Milho branco 760, amarelo 780, Trigo gallego 18060, tremez 920, Batatas, 15 kilos 280, Ovos, duzia 140, Centeio 700, Cevada 600.

SAL.—O wagon de sal vende-se actualmente a 203000 réis posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

CENTRO FOTOGRAFICO PORTO R. SÁ DA BANDEIRA—135

POVO DE AVEIRO Vende-se nas seguintes localidades:

- LISBOA Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I. 102-104. Tabacaria Fillimino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 45 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Kiosque Elegante, Rocio. COIMBRA Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

AO PUBLICO SUCCURSAL DA PADARIA DOS ARCOS NA COSTA NOVA

M ANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proximo á Motta) onde o publico durante a epocha balnear encontrará a qualquer hora do dia PÃO DE FINA QUALIDADE e generos de mercearia, taes como: assucar, chá, café, arroz, massas, vinhos finos, cerveja, e outras bebidas; tudo por preços modicos.

Recomendamos, pois, este estabelecimento, não só pela mocidade de preços, como tambem pelo esmero e acceio de todos os generos.

Advertisement for José Maria Soares, medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto. CINICA GERAL. Consultas todos os dias das 10 h. em diante. Chamadas a qualquer hora. R. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matedouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote.) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso. R. da Boa Vista, 3 — Lisboa

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO. Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Compreae OSMOND



**FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES**

DE  
**CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
- Quadros Parletacs**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Gula práctico e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripção**—cada caderno, . . . . . 30
- Livros de polémica sobre o Método**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500
- Do mesmo auctor:
- LITTERATURA**
- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), . . . . . 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**  
— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
**Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

**RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO**

**MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES**

DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saínhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate**

DO  
**ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança**

**de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officias inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importância, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

**POVO DE AVEIRO**  
— DO —  
**TYPOGRAPHIA**  
— DO —  
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encomendamos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

**Especialidade em cartões de visita**

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

— DE —

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e baulha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**

**José Maria Simões & Filhos**

**ANADIA—SANGALHOS**

**MACHINAS "PFAFF,"**

— E —

**BICYCLETTES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agúia), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e no publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.